

# Artista Convidada: Katia Bacchi<sup>1</sup>

*Autocuradoria*

A edição número 11 da **Revista Fim do Mundo** conta com a colaboração da artista plástica Katia Bacchi, cujas obras escolhidas revelam a nossos leitores o espírito do tempo que se vê encarando o fim do mundo. A curadoria fica por ela mesma<sup>2</sup>.

10

Katia Bacchi é o meu nome, Artista Plástica formada na Faculdade de Belas Artes De São Paulo, de origem confusa, já que nasci na Bulgária no fim do ano de 1967, onde meu pai, brasileiro, Sergio Bacchi, se encontrava estudando Engenharia Eletrônica após ter sido preso no golpe de estado do Brasil em 1964. Consegui fugir da prisão graças aos companheiros que o ajudaram e se refugiou na Bulgária, onde lhe deram uma bolsa de estudos para Engenharia Eletrônica.

Minha mãe, Aida Eidelstein, nascida no Chile, mas também de origem confusa, pois era filha de um russo da região da Ucrânia, judeu, refugiado ainda de criança de colo na Argentina durante a 1ª guerra mundial, José Eidelstein. Adquiriu a nacionalidade argentina junto a toda a sua família, e ao crescer e ganhar mais consciência, entrou a militar nas filas do partido comunista argentino. De pronto tornou-se um líder comunista na sua região, mas com a nova expansão do fascismo pelo mundo, promovido pela Europa na sua necessidade de capitalizar e dominar o mundo através de ideias ultranacionalistas, com tentáculos que alcançaram a América Latina inclusive, foi preso e condenado à morte. Após múltiplas manifestações de apoio solidário, inclusive de companheiros comunistas da América Latina e Europa, sua condenação foi comutada a exílio perpétuo (nunca mais pôde voltar à Argentina) e foi o Chile, governado por Arturo Alessandri Palma quem o acolheu e lhe deu nova nacionalidade.

A minha avó materna, Nélide Lescano, nascida no Paraguai, vinda ao Chile após ter casado com meu avô e ter nascido sua filha maior no Paraguai, Clara Eidelstein. Nélide morreu nas masmorras chilenas, pouco depois do parto de sua segunda filha, Aída, minha mãe, devido aos maus cuidados e inclusive torturas que recebeu, presa por ordem de Aguirre

---

<sup>1</sup> Contato: [katiabacchi@gmail.com](mailto:katiabacchi@gmail.com) | instagram: @katiaeidelstein.

<sup>2</sup> Nota dos editores.



Cerda, traidor que chegou à presidência do Chile com o apoio do partido comunista e, que logo depois de eleito mandou perseguir e prender todos os militantes comunistas e quaisquer que fossem suspeitos de ser seus aliados. Minha avó Nélide foi uma das líderes do Movimento Pro-Emancipação das Mulheres do Chile (MEMCH), criado em 1935, em prol do voto feminino, tendo em conta que aqui as mulheres só puderam votar em eleições abertas e diretas a presidente no ano de 1952 e de forma bastante enviesada, já que aquelas mulheres que foram consideradas de ideias esquerdista-marxistas não tiveram direito à cidadania e, portanto, não puderam votar. Quer dizer, todas aquelas que tanto lutaram pelo seu voto, foram deixadas sem esse direito.

No início do ano de 1972 a minha família chega ao Chile, onde finalmente governa um presidente socialista. Um presidente eleito por primeira vez com paridade de votos masculinos e femininos, com grandes promessas de melhorias sociais e a realização de grandes mudanças econômicas que beneficiaram a população mais desfavorecida do país com a nacionalização das minas de cobre, majoritariamente nas mãos dos Estados Unidos, e a repartição mais equitativa das terras, uma reforma agrária que o presidente Salvador Allende não conseguiu levar a bom termo antes de sua morte premeditada e executada através de um sangrento Golpe de Estado em setembro de 1973.

Tivemos que sair rapidamente do país, pois meu pai estava sendo procurado pelos regimes golpistas tanto do Chile como do Brasil, vivo ou morto.

Na eminente necessidade de fugirmos do país, o único estado que nos acolhe em todo o continente da América foi Cuba, já que minha mãe não queria abandonar o continente americano novamente. Chegamos a nos estabelecer lá por quase dois anos. Logo do nascimento da minha única irmã, Paula Bacchi, voltamos à Bulgária, já que meu avô de origem ucraniano estava refugiado lá e se encontrava em estado grave de saúde, em vista de ter sofrido um infarto depois do Golpe de Estado do Chile, promovido pela oligarquia do país, organizada pelo Partido Democrata Cristão chileno, pelos Estados Unidos e as Forças Armadas do Chile encabeçadas por Augusto Pinochet.

Em 1978 minha família novamente abandona a Bulgária. Agora meus pais irão como cooperantes estrangeiros contratados pelo recém-estabelecido governo nacional da República Popular de Moçambique para



ajudar no estabelecimento do país, já que acabava de conquistar sua independência de Portugal, em abril de 1975. Finalmente eu consigo me estabelecer por lá seis longos anos, visto que aos meus curtos 10 anos de remexida vida não tinha podido me estabelecer em nenhum lugar por mais de 2 ou 3 anos em cada lugar. Esse país tem uma grande influência no meu caráter, na minha formação e na minha pintura também.



### Os Irmãos

Acrílico sobre tela  
Santiago, 2002

Belas Artes de São Paulo, já que todos na minha família diziam que desde muito pequena era boa para os desenhos e as artes em geral. Comecei minha trajetória de pintora, com a influência de todas as vivências da infância, de Moçambique e as memórias da família. Um dos pintores que mais influência tiveram sobre mim foi Candido Portinari, pintor brasileiro de

Em finais de outubro de 1983 cheguei ao Brasil, onde finalmente tomei identidade com minhas origens, tanto familiares como emocionais. Conheci a minha família paterna e adquiri uma nacionalidade própria, já que até então era uma refugiada apátrida, pois a Bulgária não me reconhecia como tal, visto que minha mãe não era búlgara, e o Chile tinha me declarado *non-grata* quando me refugiaram em Cuba, negando-me a nacionalidade. O Brasil tampouco me reconhecia, pois meu pai também virou refugiado apátrida depois de ter fugido da prisão em 1965.

Estudei Artes Plásticas, com menção em Pintura, na Faculdade de



origem italiano, fundador do Partido Comunista no Brasil. Seus retratos do povo nordestino, dos colhedores de café, do povo oprimido e saqueado até a morte tem uma profunda influência nas minhas obras. Além dele, influi a cultura de Moçambique, com suas pinturas de cores vivas, alegres e sempre brilhantes, por mais triste que seja a situação. Fui muito criticada nos inícios da minha carreira, já que as obras abstratas estavam em plena voga e o figurativo devia ir sumindo aos poucos na confusa imagem do abstracionismo que a nada levava, na minha opinião, senão ao imaginário de cada qual, com o típico individualismo da sociedade capitalista, onde não importa o que o pintor quis expressar, importa o que você é capaz de imaginar ao ver essas linhas ou manchas sem sentido transcendental e essas cores tão bem combinadas ou não, como num quadro meramente decorativo e inexpressivo.

Contra ventos e marés, dediquei-me a retratar as realidades vividas por mim, tanto na atualidade como no meu passado de forma figurativa.

Sempre intento impregnar as minhas obras com uma forte crítica social e uma notável necessidade de despertar a consciência humana sobre os acontecimentos

históricos e a realidade distópica da atual sociedade, cheia de guerras, sofrimento humano e opressão,

com povos completamente submetidos, sem direito à imaginação, à dignidade ou à tranquilidade mental. Mas a beleza humana sempre está presente nas minhas obras, assim como as cores primárias e secundárias puras, os rostos grandes e expressivos.



### **A Fome**

*Acrílico sobre tela  
São Paulo, 1996*



Atualmente moro no Chile, onde realizei algumas exposições individuais e várias grupais, sempre dedicadas à temática da realidade social e às necessidades humanas, tendo no início grandes dificuldades para prosseguir, pois aqui tudo chega “depois, atrasado”. Se, quando saí do Brasil, em 1999 a arte figurativa voltava lentamente a retomar sua posição e importância comunicativa, aqui a arte abstrata estava em plena voga, o que dificultou meu progresso novamente.

O Chile, um país escondido e isolado detrás de uma enorme Cordilheira dos Andes, por quase 4.300 quilômetros de comprimento, e pelo outro lado por um Oceano Pacífico que de pacífico pouco tem; ao norte pelo deserto mais árido do mundo, Atacama e ao sul pelo gelado polo da Antártida, foi o lugar perfeito para todo tipo de experimentos sociais. Assim como conseguiu se converter no primeiro país do mundo em conseguir um governo autenticamente socialista, eleito pelas vias democráticas, encabeçado por Salvador Allende, também conseguiu ser o primeiro país onde se implantou o neoliberalismo no mundo após o golpe de estado de 1973. Aqui tudo demorava mais em chegar, a informação vinha a cavalo, atravessando a cordilheira ou o deserto mais árido de mundo, ou por barco, atravessando o oceano, porque pelo sul nada entra. Dessa forma, toda e qualquer novidade do mundo demorava mais em chegar a esta sociedade perdida do que em qualquer outra no mundo.

Felizmente (ou nem tão feliz), com a chegada dos aviões e das novas tecnologias da comunicação isso praticamente acabou. Mas, sempre persiste uma certa reação contra tudo o que é novo, o que é diferente ou mais avançado, principalmente depois do triunfo do neoliberalismo nestas latitudes, que impôs um individualismo sem precedentes.

Aqui chegaram grandes grupos das SS nazistas e se esconderam por décadas, protegidos inicialmente pelas barreiras naturais que isolam o país, a pouca população em certas localidades ao sul do país e posteriormente pelo regime ditatorial de Pinochet. Criaram um de seus maiores refúgios, chamado “Colonia Dignidad”, onde se realizaram das piores torturas e experimentos humanos da modernidade conhecidos até hoje.

Foi nessas condições, onde controlar os meios da comunicação moderna foi o primordial para manter todo um povo sob controle, que em 2018 por segunda vez na história do Chile Sebastián Pinhera, um ultraliberal, um dos maiores magnatas da história do país, filho de um membro da CIA



designado para o Chile, ladrão de colarinho branco do banco estadual de Talca, protegido pelo regime de Pinochet e a CIA, se elege como presidente.

Em outubro de 2019, depois de um aumento de tão só algumas moedas na passagem do metrô, os estudantes provocam um rebentão social. A panela que continha o experimento social do neoliberalismo já estava com a máxima pressão dentro e esse pequeno aumento foi suficiente para fazê-la arrebentar.

A criançada escolar, cansada de se criar sozinha na rua enquanto seus pais trabalham o dia inteiro para chegar em casa com algumas migalhas de pão atacaram com tudo. Só que no mesmo instante em que os estudantes saem a protestar e são reprimidos, o resto da sociedade começa a se unir a eles para tentar protegê-los e protestarem juntos. O cansaço do povo tinha atingido o limite. Agora o protesto é pela repressão do governo, pela falta de condições económicas e humanas de vida, pela falta de dignidade para o povo.

Essas manifestações foram transversais na sociedade, e a repressão não tardou em se apresentar na pior forma possível. Foi tão brutal que morreram dezenas de pessoas, centenas de outras perderam um olho ou os dois e milhares se tornaram presos políticos, condenados com testemunhas falsas, montagens nos seus celulares ou simplesmente sem juízo algum.



**Menino Segurando a Cabeça**

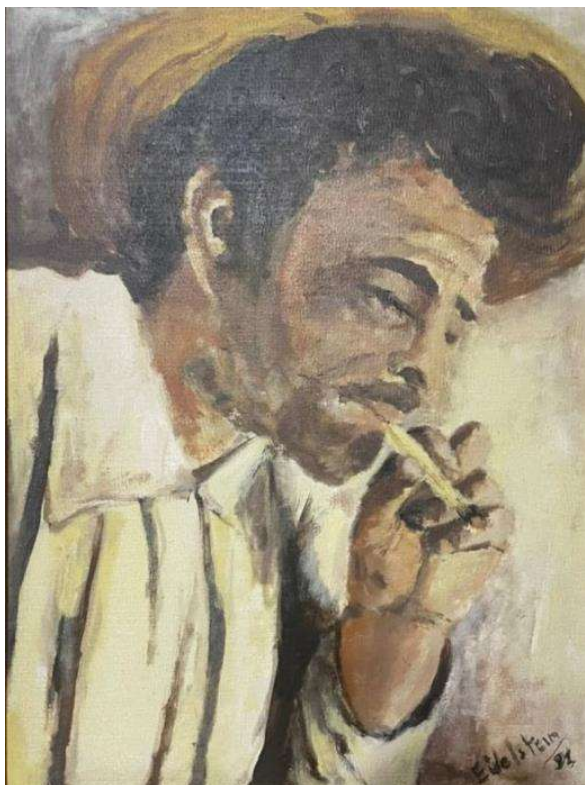
*Acrílico sobre tela  
São Paulo, 1996*



Foram espancados/as, torturados/as e quebrantados/as. Os protestos femininos não se fizeram esperar e o país quase entra numa guerra civil.

Como é natural, não pude deixar de representar esse momento em alguns dos meus trabalhos, feitos em formato de histórias em quadrinhos, algo que nunca tinha feito antes, mas que é de grande impacto nos meios de comunicação massiva e muito simpático de se fazer.

Só que, como falei antes, o Chile é um laboratório do neoliberalismo. Não tardaram em experimentar uma nova fórmula de controle de massas. Essa fórmula agora foi a promessa de uma Nova Constituição (aqui ainda se aplica a Constituição de Pinochet, elaborada em plena ditadura). Essa falsa promessa foi chamada "Pacto por la Paz", sendo encabeçada pelo atual presidente do Chile, Gabriel Boric, que nesse então era Deputado da República. Esse pacto foi premeditadamente montado para não dar em nada. A única coisa que conseguimos foi que novamente enganassem o povo, colocando um novo presidente que supostamente estava com o povo, mas que no fundo sabiam que não trocariam nem uma vírgula de tudo o que já estava cozinhado. Assinou o TTP11, contra a vontade do povo, entregou a



**Cigarro de Palha**  
Acrílico sobre tela  
São Paulo, 1995

exploração do Lítio do Chile ao genro de Pinochet, dono da empresa Soquimich, enlameada em escândalos internacionais por pedofílias e coisas piores, agora de cara lavada e com o nome de SQM, numa concessão a 40 anos. Sequer se permitiu qualquer julgamento Piñera pela chacina cometida na Revolta de Outubro de 2019.

Mas como para mim nem tudo é Chile, minha pintura transcende muito além. Representei várias vezes a Fome, a Guerra, a Tristeza, a Desesperança ou simplesmente o Cansaço. O cansaço que estamos sentindo quando estamos chegando ao Fim do Mundo.

*Santiago, Abril de 2024.*

